



**Gladys Batista Picaglie
Antonella Carvalho de Oliveira
(Organizadoras)**

Conhecimento e Saberes da Psicopedagogia Clínica e Institucional

Atena
Editora

Ano 2019

Gladys Batista Picaglie
Antonella Carvalho de Oliveira
(Organizadoras)

Conhecimentos e Saberes da Psicopedagogia Clínica e Institucional

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C749 Conhecimentos e saberes da psicopedagogia clínica e institucional [recurso eletrônico] / Organizadora Gladys Batista Picaglie, Antonella Carvalho de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-103-9

DOI 10.22533/at.ed.039190402

1. Psicologia da aprendizagem – Estudo e ensino. 2. Psicologia educacional. 3. Psicopedagogia. I. Picaglie, Gladys Batista. II. Oliveira, Antonella Carvalho.

CDD 370.1523

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Psicopedagogia surge da necessidade de entender os processos de aprendizagem, onde seu foco principal é a Aprendizagem e o Sujeito. O profissional precisa ter um olhar abrangente para vários aspectos sociais: sujeito, família e comunidade escolar. E também aspecto cognitivo, emocional, cultural e orgânico.

O campo de atuação pode ser clínico, institucional, hospitalar e empresarial. O clínico atende crianças e adultos com dificuldades de aprendizagem, utilizando técnicas de intervenção terapêutica de forma integrada com a família e colégio. O trabalho Institucional acontece nas Instituições de Ensino, trabalhando com a prevenção dos problemas de aprendizagem e realizando projetos para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

O psicopedagogo está conquistando campo no mercado de trabalho. Podemos perceber nos artigos que compõe o “*e book Conhecimentos e Saberes da Psicopedagogia Clínica e Institucional*” os diversos âmbitos de atuação, descrevendo sua importância para o processo psicossócio educacional.

Uma boa leitura!

Gladys Batista Picaglie

Antonella Carvalho de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO PSICOPEDAGOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS	
Camila Rezende Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0391904021	
CAPÍTULO 2	8
A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO CONTEXTO ESCOLAR	
Elisangela Claudino da Silva	
André Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0391904022	
CAPÍTULO 3	19
AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, LEITURA E ESCRITA DO ALUNO SURDO	
Elisangela Claudino da Silva	
André Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0391904023	
CAPÍTULO 4	28
MEDIÇÃO ESCOLAR: ABORDAGEM AVALIATIVA DE UM MODELO DE ALCANCE AMPLO	
Elisabete Pinto da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.0391904024	
CAPÍTULO 5	39
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA: A PRÁTICA DOCENTE E A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	
Miryan Cristina Buzetti	
DOI 10.22533/at.ed.0391904025	
CAPÍTULO 6	46
ANALFABETISMO AFETIVO EM ADOLESCENTES E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA AS ORGANIZAÇÕES	
Marisa Cláudia Jacometo Durante	
Kelly Danelli dos Passos	
Marcia Maria Schaab	
Paulo Renato Foletto	
DOI 10.22533/at.ed.0391904026	
CAPÍTULO 7	60
REFLEXÕES ACERCA DOS PRINCÍPIOS DE INCLUSÃO, ÉTICA E CIVILIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A CULTURA ESCOLAR	
Elane Luís Rocha	
Cláudia Bernardes de Almeida Rosa	
Dalva Aparecida Bispo de Oliveira Miro	
DOI 10.22533/at.ed.0391904027	

CAPÍTULO 8	69
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA INTEGRAÇÃO COM AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ESTADO DO CEARÁ	
Elizabeth Francelino Nadia Sanzovo Joaquim José Jacinto Escola	
DOI 10.22533/at.ed.0391904028	
CAPÍTULO 9	79
A AVALIAÇÃO COMO PRÊMIO: PERSPETIVAS DE ALUNOS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO	
Teresa Paulino dos Santos Maria Palmira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0391904029	
CAPÍTULO 10	98
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL A PARTIR DO PROGRAMA MENOR APRENDIZ	
Marisa Claudia Jacometo Durante Eliana Aparecida Gonçalves Simili Moacir Juliani Rodrigo Antonio Szablewski	
DOI 10.22533/at.ed.03919040210	
CAPÍTULO 11	115
EMERGING AS EARLY CHILDHOOD TEACHER: CRITICAL CHALLENGES	
Dalila Maria Brito da Cunha Lino Maria de Fátima Cerqueira Martins Vieira Maria Cristina Cristo Parente	
DOI 10.22533/at.ed.03919040211	
CAPÍTULO 12	127
FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE INFÂNCIA: PERCEÇÃO DE ESTUDANTES SOBRE A SUA FORMAÇÃO	
Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira Maria Clara de Faria Guedes Vaz Craveiro Brigite Carvalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.03919040212	
CAPÍTULO 13	136
O QUE FAZEMOS COM O QUE FAZEM CONNOSCO... INTERAÇÕES QUE (NOS) FORMAM E DESENVOLVEM	
Teresa Sarmento Conceição Leal da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.03919040213	
CAPÍTULO 14	151
O CONCEITO DE MEDIAÇÃO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NA COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM	
Ludynnylla Paiva Botta dos Passos Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.03919040214	

CAPÍTULO 15	157
A PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE WEB 2.0 – UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	
Nadia Sanzovo Joaquim José Jacinto Escola	
DOI 10.22533/at.ed.03919040215	
CAPÍTULO 16	173
A UNIVERSIDADE, A EDUCAÇÃO DE ADULTOS E A INCLUSÃO SOCIAL	
Armando Paulo Ferreira Loureiro Antonio Izomar Rodrigues Madeiro João Carlos Pereira Coqueiro Maria José Quaresma Portela Corrêa Manoel Domingos Castro Oliveira Sílvia De Fátima Nunes Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.03919040216	
CAPÍTULO 17	182
A UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL PELOS PROFESSORES DO CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS	
Maristela Romagnole de Araujo Jurkevicz Joaquim José Jacinto Escola Regiane Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.03919040217	
CAPÍTULO 18	193
MOTIVAÇÃO E OUTROS FACTORES QUE INFLUENCIAM OS MÉTODOS DE ESTUDO. O CASO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM ANGOLA	
Laurinda Magalhães Carlos Sebastião Máquina Mendes Anabela Maria de Sousa Pereira Agatângelo Joaquim dos Santos Eduardo	
DOI 10.22533/at.ed.03919040218	
CAPÍTULO 19	210
A ARTE DE VER: VAMOS FOTOGRAFAR?	
Elaine Simões Romual Rebeca Maria de Lurdes Dias de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.03919040219	
CAPÍTULO 20	224
O DIRETOR NO NOVO MODELO DE GESTÃO DA ESCOLA PÚBLICA PORTUGUESA E AS (DES) CONTINUIDADES DEMOCRÁTICAS: POLÍTICAS E PRÁTICAS	
Maria Fernanda dos Santos Martins Ana Paula Morais Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.03919040220	
CAPÍTULO 21	238
TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE: POLÍTICAS CURRICULARES	
Sandra Faria Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.03919040221	

ANALFABETISMO AFETIVO EM ADOLESCENTES E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA AS ORGANIZAÇÕES

Marisa Claudia Jacometo Durante

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação,
Pesquisa e Extensão da Faculdade La Salle -
Lucas do Rio Verde – Mato Grosso

Kelly Danelli dos Passos

Faculdade La Salle – Lucas do Rio Verde – Mato
Grosso

Marcia Maria Schaab

Faculdade La Salle – Lucas do Rio Verde – Mato
Grosso

Paulo Renato Foletto

Diretor Administrativo da Faculdade La Salle –
Lucas do Rio Verde – Mato Grosso

RESUMO: A afetividade e o amor podem construir uma relação positiva na vida social e coletiva das crianças e adolescentes. Dessa forma, dar-se-ia mais importância para a convivência com o outro, o que poderia facilitar para que indícios de analfabetismo afetivo deixassem de existir. O objetivo geral do estudo foi identificar quais consequências o analfabetismo afetivo causa para as organizações. Especificamente pretendeu-se: a) identificar se os adolescentes estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo; b) estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações. Metodologicamente, utilizou-se como procedimento um estudo de caso, onde aplicou-se um questionário que foi respondido

por dois mil e cem adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos. Os principais resultados indicam que os adolescentes pesquisados enquadram-se na geração Z, onde já nasceram em um mundo tecnológico e não conseguem ficar desconectados. Considera-se que isso, da mesma forma que pode facilitar a comunicação, também pode prejudicá-los nas relações interpessoais, na afetividade e futuramente no desempenho dentro da organização que atuarão. Desse modo, pode-se dizer que a postura dos adolescentes inseridos no contexto do analfabetismo afetivo influenciará na convivência com o outro nas organizações, impactando em maiores conflitos com os colegas, dificultando o trabalho em equipe e a comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Analfabetismo Afetivo. Impacto nas Organizações. Adolescentes.

ABSTRACT: The affection and love can build a positive relationship in the social and collective life of children and adolescents. Thus, it would give more importance to living with each other, which could make it easier for affective illiteracy evidence ceased to exist. The overall objective of the study was to identify what consequences the emotional illiteracy cause for organizations. Specifically intended to: a) identify whether teens are placed in the context of emotional illiteracy; b) study the impact of emotional illiteracy for

organizations. Methodologically, it was used as a case study procedure, which was applied a questionnaire that was answered by two thousand one hundred adolescents aged 15-17 years. The main results indicate that the adolescents surveyed fall within the generation Z, which were born in a technological world and can't be disconnected. It is considered that, in the same way that can facilitate communication, can also harm them in interpersonal relationships, affection and future performance within the organization that will work. Thus, it can be said that the attitude of adolescents within the context of emotional illiteracy influence in coexistence with others in organizations, impacting in major conflicts with colleagues, hindering teamwork and communication.

KEYWORDS: Illiteracy Affective. Impact on Organizations. Teens.

1 | INTRODUÇÃO

A gestão de pessoas consiste em métodos que buscam trabalhar os aspectos relacionados com o capital intelectual, ou seja, as pessoas. É utilizada nas organizações desde a atração, retenção até o desenvolvimento de talentos, onde por meio de uma boa gestão procura-se fazer com que as relações interpessoais fluam em perfeita harmonia.

A afetividade e o amor podem construir uma relação, onde, através do desenvolvimento dos mesmos, poderá aprender-se a arte de viver juntos como irmãos. Sendo que a adoção da pedagogia de educar pelo amor poderia trazer uma incorporação positiva na vida social e coletiva das crianças e adolescentes. Dessa forma, dar-se-ia mais importância para a convivência com o outro, o que poderia facilitar para que indícios de analfabetismo afetivo deixassem de existir.

Dentro do contexto apresentado, aprofundamos um estudo que nos proporcionou uma visão para onde a sociedade está se direcionando em relação à convivência social, onde realizamos uma pesquisa com adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos.

Levando em consideração ainda, que esses adolescentes futuramente ingressarão no mercado de trabalho e que é atribuição da Gestão de Pessoas buscar o perfil adequado para o cargo a ser preenchido, através da pesquisa foi possível também conhecer o perfil dos futuros colaboradores das organizações que a Gestão de Pessoas terá disponível para recrutar, selecionar e desenvolver, lembrando que um bom relacionamento interpessoal também é essencial para se atuar em qualquer departamento organizacional.

Porém, analisando de forma empírica a sociedade em que vivemos, percebemos que muitas crianças já crescem frustradas por não ter uma relação interpessoal com a família, o diálogo, o respeito, o amor e carinho necessários. Chegam ao ambiente escolar e devido a condição social, física ou cultural não são aceitos no grupo, e acabam sofrendo algum tipo de *bullying*, o que poderá acarretar transtornos psicológicos.

Sites de notícias, relatórios policiais e manchetes de jornais, nos mostram que o

problema da criminalidade envolvendo menores se agrava cada vez mais, entretanto ela não se restringe apenas as famílias que sobrevivem na miséria, mas também aquelas que não sofrem desse mal, e um motivo pelo qual isso acontece é a permissividade dos pais, que não impõe limites. Deixam seus filhos frequentar boates, bares e lanchonetes até altas horas, imagens de televisão banalizando de forma explícita o sexo em horário nobre, drogas, violência, fazendo com que as crianças e adolescentes não consigam filtrar essas informações e acabam as absorvendo (CUNHA, 2003).

Trazendo esse contexto para nosso município, segundo informações do Conselho Tutelar de Lucas do Rio Verde (2014) foram registrados envolvendo menores no ano de 2013, 69 casos de furto, 27 casos de roubo, 100 casos de tráfico de drogas, 21 casos de porte de arma, 44 casos de abuso sexual, 37 casos de violência física, 16 casos de violência psicológica, 11 casos de gravidez e 11 casos de exploração de mão-de-obra.

O objetivo geral do estudo foi identificar quais consequências o analfabetismo afetivo causa para as organizações. Especificamente pretendeu-se: a) identificar se os adolescentes estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo; b) estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações

O analfabetismo afetivo pode originar-se inicialmente na família, onde não há uma relação de afetividade, um abraço ou um beijo entre a mesma. Podendo estender-se para o grupo de amigos e colegas, onde muitas vezes prevalecem às relações virtuais que não permite um abraço ou um aperto de mão para demonstrar o afeto.

Nesse contexto, a pesquisa contribuiu para que a sociedade em geral se conscientize que as práticas das relações interpessoais afetivas devem se iniciar a partir da família e na escola com os educadores, incentivando para que demonstrem ao outro mais companheirismo e solidariedade, para assim conseguirmos construir uma sociedade menos violenta, mais amorosa, justa e igualitária.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

Segundo o dicionário Aurélio (1999, p. 130) analfabetismo significa “estado ou condição de analfabeto; falta absoluta de instrução”. Para Foucambert (apud AZEVEDO; et al, 2002, p. 05) “analfabetismo é o desconhecimento das técnicas de utilização da escrita” traduzido como a

[...] impossibilidade de compreender ou de produzir uma mensagem escrita simples, que trate de questões concretas ligadas à vida cotidiana: sua origem está na falta de domínio do sistema de correspondência entre grafemas e fonemas. Esse analfabetismo provém da ausência de alfabetização.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (apud AZEVEDO; et al, 2002, p. 05) é conceituada como analfabeta “a pessoa que declara não saber ler

e escrever um bilhete simples no idioma que conhece, além da inclusão daquelas que relatam que aprenderam a ler mas esqueceram”.

Pode-se então dizer que, é considerada analfabeta a pessoa que não conhece o alfabeto, que não sabe ler nem escrever e analfabetismo é a circunstância em que o analfabeto se encontra, ou seja, a falta de conhecimento das técnicas de utilização da escrita e leitura.

Além dos conceitos apresentados, definem-se também outros conceitos em relação ao analfabeto e analfabetismo. Pinto (apud PAINI; et al, 2014, p. 225) descreve:

O analfabeto como uma realidade humana e o analfabetismo como uma realidade sociológica. O analfabeto [...] em sua essência não é aquele que não sabe ler, sim aquele que, por suas condições concretas de existência, não necessita ler [...]. O adulto se *torna* analfabeto porque as condições materiais de sua existência lhe permitem sobreviver dessa forma com um mínimo de conhecimentos, o mínimo aprendido pela aprendizagem oral, que se identifica com a própria convivência social.

Através dessa citação avalia-se que já existem outros conceitos de analfabetismo e não mais somente aquele que conceitua como desconhecedor do alfabeto, onde o desenvolvimento do mesmo ocorre pela falta da prática da leitura, pois muitas pessoas não necessitam da utilização da leitura e escrita para sobreviver.

Sabe-se então que existem vários tipos de analfabetismo, porém, citaremos somente alguns deles, tais como: analfabetismo total, analfabetismo funcional e o iletrismo.

O analfabetismo total é considerado aquele em que o indivíduo tem total desconhecimento das técnicas de leitura e escrita, ou seja, não sabe ler nem escrever, sendo que nem mesmo consegue escrever seu próprio nome (FOUCAMBERT apud AZEVEDO; et al, 2002).

O termo analfabetismo funcional surge no final da década de 70, sugerido sua adoção pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Na década de 90 o IBGE passou a divulgar estatísticas de analfabetismo funcional, tomando como base o número de séries concluídas e não a autoavaliação dos respondentes. Para Foucambert (apud PAINI; et al, 2014, p. 226),

o analfabetismo funcional envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominam essas técnicas de correspondência grafo-fonética em um certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício com elas.

Entende-se assim, que não basta frequentar a escola por vários anos se não for colocado em prática o que foi ensinado. Pode-se dizer então, que as pessoas enquadradas nesse tipo de analfabetismo são aquelas que perderam o domínio por não exercitarem as técnicas grafo-fonéticas, onde, um dos motivos pode ser o fato de não necessitarem das mesmas no seu dia-a-dia.

O iletrismo foi caracterizado por Foucambert (apud PAINI; et al, 2014, p. 04) “pelo afastamento em relação às redes de comunicação escrita, pela falta de familiaridade com livros e jornais, pela exclusão do indivíduo das preocupações e respostas contidas na elaboração da coisa escrita”.

Em 1958 a UNESCO (apud SOARES, 2010, p. 71) define “é iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana”.

Portanto, uma pessoa iletrada pode até conseguir ler e escrever, porém não possui a habilidade de entender o que está escrevendo ou lendo, pois não possui o conhecimento necessário da literatura.

Contudo, avalia-se que o analfabetismo é retrato de uma realidade social injusta, onde muitas pessoas eram excluídas pela classe social, sexo ou idade. Porém, vale lembrar ainda que, a baixa qualidade de ensino, devido à falta de qualificação dos professores, os baixos salários dos mesmos e a falta do exercício do que foi ensinado, devido não ser uma necessidade de sobrevivência, também são retratos do analfabetismo.

Assim, a partir do estudo sobre relações interpessoais e entendendo o conceito de analfabetismo, podemos inferir um conceito para o analfabetismo afetivo.

Analfabetismo afetivo, em nossa concepção, é a ausência de uma relação interpessoal positiva, de uma relação de amor instintivo, amizade e solidariedade, um aperto de mão e/ou um abraço carinhoso, um sentimento espontâneo de preocupação com o outro, quando se conversa sabendo ouvir, quando se aproxima gerando mútuo conhecimento.

Analisando esse conceito, podemos posicionar algumas possíveis causas do mesmo, tais como: falta de interesse das pessoas; ausência de habilidades para ouvir e se colocar no lugar do outro; aumento no uso do relacionamento virtual com técnicas cada vez mais modernas que atraem as pessoas, além de ser mais fácil, permite ainda, conectar e desconectar a qualquer momento, causando assim menos sofrimento caso seja interrompida.

3 | METODOLOGIA

Este estudo apresentou como abordagem o método indutivo, e a pesquisa qualitativa, pois a partir da pesquisa realizada buscou-se generalizar os resultados. Entendeu-se ainda, que foi a melhor forma de apresentar os resultados. O método de procedimento abordado foi o estudo de caso, pois estudou-se um grupo de adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos.

A classificação da pesquisa foi exploratória, pois não foi encontrado nenhuma publicação sobre o tema analfabetismo afetivo. “Estudos exploratórios é quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer sobre o fenômeno”

(RICHARDSON, 2010, p.66).

O procedimento técnico foi um estudo de caso, uma vez que estudou-se a faixa etária de 15 a 17 anos. Os sujeitos da pesquisa foram 2.100 (dois mil e cem) adolescentes da faixa etária de 15 a 17 anos, escolhidos de forma aleatória em escolas das redes pública e privada no município de Lucas do Rio Verde – MT.

A caracterização dos sujeitos foi obtida por meio do questionário, o qual contou com a autorização assinada pelos pais do termo de livre consentimento, bem como atende as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n. 466/2012 a respeito da pesquisa com seres humanos e n. 251 de 07/08/97, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética da IES.

Dentre os pesquisados 68,6% são do sexo feminino e 31,4% masculino. 14,3% estão na faixa etária de 15 anos, 31,4% com 16 anos e 54,3% com 17 anos. Desses, 11,4% cursam o 1º ano do Ensino Médio (EM), 27,1% no 2º ano do EM e 61,4% estão no 3º ano do EM. Dos participantes da pesquisa 61,4% frequentam a escola pública e 38,6% a privada. 27,1% residem em casas de aluguel e 72,9% em residência própria. 87,2% dos respondentes moram entre 3 e 5 pessoas na residência. A renda salarial da família de 58,6% dos adolescentes está entre R\$ 1.301,00 a R\$ 5.200,00 e de acordo com 37,1% dos participantes da pesquisa a renda está entre R\$ 5.201,00 a R\$ 10.000,00.

A tabulação dos dados foi realizada no programa *Sphinx*, onde foram separadas as respostas semelhantes das divergentes e a partir das semelhantes e também das divergentes realizamos a análise correspondente, utilizando como base a revisão da literatura.

4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 INSERÇÃO DOS ADOLESCENTES NA FAIXA ETÁRIA DE 15 A 17 ANOS NO CONTEXTO DO ANALFABETISMO AFETIVO

Com a finalidade de identificar se os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, questionamos quando os mesmos em sua relação com o outro conseguem realizar o sentimento citado por Crivelaro; Takamori (2005, p. 35) “a afetividade, [...], é um sentimento que surge quando espontaneamente nos preocupamos com o outro, quando conversamos sabendo ouvir, quando nos aproximamos gerando mútuo conhecimento”. Sendo que 48,6% dos adolescentes responderam que conseguem realizar esse sentimento na maioria das vezes, 30% às vezes, 20% sempre e 1,4% nunca, segundo o gráfico 29.

Pode-se assim constatar que os 20% dos adolescentes que conseguem demonstrar o sentimento de afetividade citado por Crivelaro; Takamori e os 48,6% que conseguem na maioria das vezes, são adolescentes que possuem boas relações

interpessoais e conseguem demonstrar o afeto pelo outro, pois os autores ainda citam:

A pessoa afetiva tem uma maior probabilidade de obter aceitação interna do outro, o comprometimento. A afetividade, o afeto, é o amor instintivo. O amor instintivo não nos deixa apaixonado. “Ele apenas é, existe, simplesmente e espera ser descoberto para dar calor e saúde às nossas vidas. É o amor, a afetividade que perdura através do tempo, para manter, curar e sustentar a família humana” (CRIVELARO; TAKAMOTI, 2005, p. 35).

No entanto, os 30% dos adolescentes que somente às vezes conseguem expressar o sentimento de afetividade, tem maior tendência de não possuir uma relação interpessoal positiva. E o adolescente que nunca consegue demonstrar em sua relação com o outro o sentimento de afetividade, dificilmente terá um relacionamento interpessoal positivo e será aceito internamente pelo outro, principalmente se analisarmos também que Crivelaro; Takamori (2005) fazem menção da afetividade como um dos principais fatores psicológicos para se ter um relacionamento adequado.

Ainda, com a finalidade de verificar se os adolescentes estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, perguntamos qual a preferência dos mesmos no contato com o outro, e 88,6% preferem o contato presencial (cara a cara) e 11,4% preferem o contato virtual (utilizando aplicativos).

Através das respostas percebe-se que a maioria dos adolescentes prefere o contato presencial, o que facilita a demonstração do sentimento de afetividade, pois conforme Crivelaro; Takamori (2005) a afetividade também é o apertar de mão e o abraço carinhoso, algo que só é possível pelo contato interpessoal. Desse modo, os 11,4% dos adolescentes que preferem o contato virtual não conseguirão demonstrar essa afetividade através de uma máquina.

Buscando mais informações para verificar se os adolescentes estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, questionamos também se os mesmos têm tempo para ouvir as pessoas, sendo que obteve-se 91,4% de respostas positivas e 8,6% de respostas negativas.

Perguntamos também, se os adolescentes têm tempo para conversar com as pessoas, 92,9% responderam que sim e 7,1% responderam que não.

Entretanto, ao relacionar o resultado com as explicações de Crivelaro; Takamori (2005), pode-se inferir que a maioria dos adolescentes conseguem demonstrar a afetividade, que também envolve o conversar com o outro sabendo ouvir.

Ainda, no intuito de verificar se os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, questionamos quantas vezes ao dia os mesmos abraçam e/ou recebem um abraço de seus pais ou pessoas que moram junto com eles, e a maioria, 32,9% respondeu que nenhuma.

Por outro lado, o restante dos adolescentes pesquisados consegue demonstrar ou receber esse afeto, sendo que 27,1% até três vezes ao dia, o que pode-se considerar ótimo.

Complementando, questionamos também se os adolescentes costumam abraçar

as pessoas próximas, e obteve-se 80% de respostas positivas e 20% de respostas negativas.

Observa-se assim que a quantidade de adolescentes que responderam que abraçam as pessoas próximas é maior do que a quantidade de adolescentes que responderam que abraçam os pais ou pessoas que moram junto com eles. Desse modo, pode-se dizer que os mesmos conseguem demonstrar melhor o afeto para com os amigos do que com os próprios pais e irmãos, sendo que isso pode ocorrer devido os pais não darem abertura e atenção para esses momentos acontecerem. Porém, o afeto é demonstrado pela maioria dos adolescentes, o que demonstra que os mesmos possuem boas relações com as pessoas próximas.

Para melhor avaliar, perguntamos ainda se os adolescentes consideram que recebem o amor e carinho que gostaria, independentemente de quem seja, sendo que 40% responderam às vezes, 30% responderam na maioria das vezes, 27,1% responderam sempre e 2,9% responderam que nunca.

Pode-se assim dizer que a maioria dos adolescentes considera que recebe somente às vezes o amor e carinho que deseja, o que pode fazer com que os mesmos também não expressem tanto amor e carinho, sendo que os 27,1% que consideram que recebem sempre e os 30% que consideram que recebem na maioria das vezes, tendem a oferecer mais e os 2,9% que nunca recebem o amor e carinho que gostaria, tendem a se sentir excluídos, o que dificulta para que os mesmos expressem seus sentimentos ao outro.

Ainda, com o intuito de verificar sobre a inserção dos adolescentes no contexto do analfabetismo afetivo, perguntamos também se os adolescentes conversam com outras pessoas e trocam conhecimentos, 47,1% responderam que na maioria das vezes, 31,4% responderam que às vezes e 21,4% responderam que sempre, sendo que nenhum adolescente respondeu nunca.

Buscando mais informações para verificar a inserção no contexto do analfabetismo afetivo, perguntamos aos adolescentes se costumam ter algum tipo de conflito com outras pessoas, sendo que a maioria, 71,4% respondeu às vezes, 14,3% responderam nunca, 8,6% maioria das vezes e 5,7% sempre.

A partir das respostas, constata-se que apenas 14,3% dos adolescentes não possuem conflitos com outras pessoas, e todos os demais mesmo que em diferentes proporções costumam ter algum tipo de conflito.

Com a finalidade de melhor avaliar a problemática em questão, perguntamos se os adolescentes respeitam os seus professores, e obteve-se 98,6% de respostas positivas e 1,4% de respostas negativas.

Através desse resultado, pode-se dizer que os 98,6% dos adolescentes que respeitam seus professores tendem a fazer o mesmo com as outras pessoas, e assim ter um relacionamento positivo, com respeito mútuo, porém quem não é capaz de respeitar seus professores, tem maior propensão de não desenvolver relacionamento positivo em sociedade.

Ainda, para verificar se os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, fizemos várias perguntas referente à frequência com que os mesmos sentem emoções, sendo que foram embasadas no autor Goleman (2007) que define as mesmas como principais candidatas das emoções e membros de suas famílias.

Desse modo, questionamos com qual frequência os adolescentes em sua vida pessoal e na relação com as outras pessoas, sentem medo conforme a descrição de Goleman (2007, p. 303) “Medo: ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto, terror e, como psicopatologia, fobia e pânico”. Obteve-se os seguintes resultados: 62,9% às vezes, 15,7% muitas vezes, 12,9% frequentemente e 8,6% nunca.

Através dos resultados é possível perceber que a maioria dos adolescentes sente medo conforme a definição de Goleman (2007), às vezes, seguida de muitas vezes e frequentemente e após um pequeno número de adolescentes que nunca sentem essa emoção, assim avalia-se que nos adolescentes onde essa emoção é mais consistente, pode estar faltando algum tipo de amparo afetivo, o que de certa forma facilita a inserção dos mesmos no contexto do analfabetismo afetivo.

Complementando, questionamos com qual frequência em sua vida pessoal e na relação com outras pessoas, os adolescentes sentem tristeza, conforme a definição de Goleman (2007, p. 303) “Tristeza: sofrimento, mágoa, desanimo, desalento, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, severa depressão”. Sendo que a maioria dos adolescentes, 65,7% respondeu às vezes.

Desse modo, avaliando os resultados percebe-se que quase todos os adolescentes pesquisados sentem tristeza em algum momento na sua vida pessoal e na relação com outras pessoas, sendo que apenas 14,03% nunca sentem. Considera-se assim, que a consistência desse tipo de emoção pode ser causada pela carência afetiva, e nos adolescentes em que ela é mais consistente há maior probabilidade de se enquadrarem no contexto do analfabetismo afetivo.

Com o intuito de melhor avaliar, questionamos ainda com que frequência que os adolescentes em sua vida pessoal e na relação com outras pessoas sentem prazer conforme a definição de Goleman (2007, p. 303) “Prazer: felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sexual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, euforia, êxtase e, no extremo, mania”.

A maioria dos adolescentes, 40% respondeu muitas vezes, seguida de 38,6% frequentemente e após 21,4% às vezes.

Percebe-se através dos resultados que a maioria dos adolescentes sentem prazer muitas vezes e logo seguida de frequentemente, conforme descrição de Goleman (2007). Avalia-se assim que os adolescentes que sentem essa emoção com mais consistência tendem a se sentir bem e transmitir isso a outras pessoas o que influenciará positivamente nas suas relações interpessoais, e além disso conforme Castro (2014) essa emoção ainda atua como um poderoso motivador, influenciando

positivamente na saúde física, mental e espiritual das pessoas.

Questionamos também, com que frequência em sua vida pessoal e na relação com as outras pessoas, os adolescentes sentem amor conforme a definição de Goleman (2007 p. 303) “Amor: aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão, ágape”. Onde os resultados obtidos nos mostram que 47,1% dos adolescentes sentem amor frequentemente, 28,6% muitas vezes, 21,4% às vezes e 2,9% nunca.

Analisa-se através dos resultados que a maioria dos adolescentes sente o amor descrito por Goleman (2007), o que pode ser resultado de um relacionamento interpessoal adequado, que se consegue através do uso dos três principais motivadores psicológicos citados por Crivelaro; Takamori (2005) que são a autoestima, a empatia e a afetividade.

Porém há 21,4% que sente essa emoção às vezes e 2,9% nunca, o que pode ser explicado pela carência de algum ou de todos os motivadores psicológicos citados pelos autores para se ter um relacionamento adequado, avaliando que o sentimento de amor é causado pela aceitação, amizade, dedicação, etc, os quais se encontram na autoestima, empatia e afetividade.

Desse modo, os adolescentes em que a emoção de amor definida por Goleman (2007) é menos consistente a probabilidade de ter relações negativas é maior em relação aos que conseguem sentir com mais consistência o amor.

Buscando mais informações, perguntamos aos adolescentes com que frequência em sua vida pessoal e na relação com outras pessoas sentem vergonha conforme definição de Goleman (2007, p. 303) “Vergonha: culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição”.

A maioria, 77,1% dos adolescentes responderam que às vezes, 10% responderam que nunca, 8,6% responderam que muitas vezes e 4,3% responderam que frequentemente.

Os resultados nos mostram que a maior parte dos adolescentes pesquisados já sentiu vergonha em algum momento na sua vida pessoal e na relação com outras pessoas e apenas 10% nunca sentiram vergonha. Conforme a definição de Goleman (2007), pode-se inferir que os adolescentes que sentem essa emoção com mais consistência tendem a ter maior sucesso nas relações interpessoais, pois os mesmos têm consciência de suas atitudes, porém quem não apresenta esse sentimento pode não ter sucesso nas relações interpessoais, pois é orgulhoso demais para admitir que também possa errar, podendo assim estar mais propenso a inserir-se no analfabetismo afetivo.

Em nossa concepção, o analfabetismo afetivo é a ausência de uma relação interpessoal positiva, de uma relação de amor instintivo, amizade e solidariedade, um aperto de mão e/ou um abraço carinhoso, um sentimento espontâneo de preocupação com o outro, quando se conversa sabendo ouvir, quando se aproxima gerando mútuo conhecimento.

Considerando essa concepção, percebe-se que a maioria dos adolescentes pesquisados, na faixa etária de 15 a 17 anos, conseguem desenvolver o sentimento de afetividade, autoestima e empatia, o que faz com que os mesmos desenvolvam um relacionamento positivo, tornando-os menos propensos à inserção no contexto do analfabetismo afetivo.

Porém, pode-se dizer que há uma minoria de adolescentes, na faixa etária de 15 a 17 anos, dentre os pesquisados, que não conseguem sentir e desenvolver todos os aspectos necessários para serem afetivos e como consequência possuírem uma relação interpessoal positiva. Desse modo, é possível inferir que essa minoria de adolescentes está inserida no contexto do analfabetismo afetivo.

4.2 IMPACTO DO ANALFABETISMO AFETIVO PARA AS ORGANIZAÇÕES

Com o intuito de estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações, buscou-se informações sobre o perfil dos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos que futuramente farão parte do mercado de trabalho, assim sendo questionamos se os mesmos pretendem cursar o ensino superior, e obteve-se 97,1% de respostas positivas e 2,9% de respostas negativas.

Questionamos aos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos, como os mesmos entendem o ambiente de trabalho, e com maior representatividade, 27,1% responderam que entendem o ambiente de trabalho como um local muito concorrido, que se deve levar a sério e ter muita dedicação, profissionalismo, companheirismo, responsabilidade, amizade, foco, concentração e compreensão; 12,8% responderam que entendem o ambiente de trabalho como um local de comprometimento, onde coloca-se em prática os conhecimentos, se aprende, e busca-se melhorar sempre, conhece-se e interage com as pessoas; 7,1% responderam que entendem o ambiente de trabalho como um ambiente agradável e prazeroso, onde deve haver respeito.

Percebe-se através do entendimento dos adolescentes sobre o ambiente de trabalho, que os mesmos possuem uma boa percepção de como deve ser. Avalia-se assim, que é com base nesse entendimento que os adolescentes irão agir quando estiverem atuando no mercado de trabalho.

Para melhor avaliar, perguntamos como os adolescentes imaginam o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho, sendo que com maior representatividade, 24,2% responderam que consideram o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho bom, com parceria e coleguismo entre todos, sem conflitos; 18,5% responderam que imaginam o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho com respeito e compreensão uns para com os outros, amizade, colaboração e trabalho em equipe; 18,5% responderam que imaginam o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho harmonioso, agradável, amigável, tolerável, passivo, profissional e saudável.

Pode-se dizer através das respostas, que por imaginarem o relacionamento

no ambiente de trabalho com todos os aspectos positivos citados, os adolescentes procurarão desenvolver essas características e se portarão desse modo no seu relacionamento com o outro no ambiente de trabalho.

Buscando ainda estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações, questionamos aos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos, o que os mesmos pensam sobre conviver com o outro, com maior representatividade, 22,8% adolescentes pensam que conviver com o outro é bom, assim um ajuda o outro, adquire-se novos conhecimentos, pois ser feliz sozinho não é possível; 11,4% adolescentes pensam que conviver com o outro é bom e necessário, faz parte da vida, pois temos que conviver com pessoas, nenhum ser vivo é capaz de viver sozinho, isolado; 7,1% adolescentes pensam que conviver com o outro é ter respeito mútuo, amizade e companheirismo, saber compreender as opiniões dos outros e expor as suas.

Entretanto, considera-se que os adolescentes pensam que conviver com o outro é algo bom em todos os aspectos, avalia-se assim que os mesmos tendem a agir de tal maneira em seus relacionamentos.

Porém, analisando o perfil dos adolescentes, com base nos objetivos anteriores, percebe-se que nem todos conseguem agir dessa forma, o que poderá dificultar a convivência com o outro na organização que futuramente atuarão.

Procurando entender o perfil dos adolescentes, ao utilizar o programa *Sphinx* para tabulação de dados, realizou-se um cruzamento de informações com relação a renda salarial, com quem e quantas pessoas moram na mesma casa e a qual rede de ensino pertence, porém, o programa não indicou resultados relevantes. Desse modo, infere-se que nesse grupo pesquisado essas variáveis não exercem interferência no relacionamento interpessoal.

Portanto, relacionando com os objetivos anteriores, percebe-se que os futuros colaboradores das organizações, os atuais adolescentes, tem um perfil ligado a tecnologia, onde necessitam estar conectado o tempo todo, sendo que a paciência não é uma virtude e um bom relacionamento dentro de uma organização, exige principalmente paciência.

Contudo, foi possível perceber que a maioria dos adolescentes pesquisados, consegue manter um bom relacionamento, porém uma minoria tem a ausência de um ou mais aspectos necessários para um relacionamento positivo com o outro, o que faz com que os mesmos se insiram no contexto do analfabetismo afetivo.

Desse modo, pode-se dizer que a postura dos adolescentes inseridos no contexto do analfabetismo afetivo influenciará na convivência com o outro dentro da organização, impactando em maiores conflitos com os colegas, dificultando o trabalho em equipe e a comunicação, que conforme Sousa (2012), para sobreviver a organização depende da capacidade da clareza organizacional e comunicação eficaz, tanto interna como externamente.

Considerando isso, os adolescentes que se enquadram no contexto do analfabetismo afetivo poderão prejudicar o seu próprio desempenho profissional e

como consequência o desempenho da organização.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o estudo realizado, pode-se inferir que a maioria dos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos tem uma percepção de que a afetividade é necessária para se manter um bom relacionamento, demonstrada através do sentimento de preocupação espontânea com o outro, da troca de conhecimentos e experiências, do abraço carinhoso, enfim, do afeto que um indivíduo necessita para não se sentir rejeitado ou excluído, tanto pela família, amigos e até mesmo pela sociedade.

Por outro lado, percebeu-se ainda, que há uma minoria de adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos que não conseguem demonstrar totalmente o sentimento de afetividade, levando-se a entender que não possuem uma percepção do real significado da afetividade, nem tampouco da importância desse sentimento para a vida das pessoas.

Contudo, pode-se dizer que os resultados do estudo demonstraram pontos positivos, bem como negativos, a respeito do relacionamento positivo com o outro, porém, ainda é possível reverter os pontos negativos, desenvolvendo os três principais motivadores psicológicos, a autoestima, empatia e afetividade e também a inteligência emocional.

Analisando os resultados da pesquisa com os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos, observou-se que a teoria estudada reflete na prática, onde através das citações de vários autores foi possível chegar a considerações com embasamento teórico sobre os sentimentos e emoções dos adolescentes.

A partir do estudo, obteve-se também uma percepção de que os adolescentes que conseguem desenvolver os aspectos necessários para o relacionamento adequado, conseguirão obter maior sucesso, tanto em relações pessoais como profissionais.

Entretanto, percebeu-se ainda que os adolescentes pesquisados enquadram-se na geração Z, onde já nasceram em um mundo tecnológico, e não conseguem ficar desconectados. Considera-se que isso, da mesma forma que pode facilitar a comunicação, também pode prejudicá-los nas relações interpessoais, na afetividade e futuramente no desempenho dentro da organização que atuarão.

Desse modo, sugere-se que os próprios adolescentes procurem se auto conscientizar, monitorando-se, e controlando-se para que essa necessidade de estarem conectados a todo o momento não os prejudiquem em sua vida social, profissional e afetiva.

No entanto, o estudo realizado contribui para que a sociedade em geral, perceba a importância da afetividade na vida das pessoas, e se conscientize que se os sentimentos de afetividade forem desenvolvidos e trabalhados positivamente desde o início da vida, iniciando pela família, haverá uma probabilidade maior de

relacionamentos positivos que contribuirão para o sucesso do próprio indivíduo e para a convivência social harmônica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. L.; et al. **Perfil do analfabetismo e do iletrismo no mundo, na América latina e caribe, no Brasil, no estado de São Paulo e no município de São Paulo**. São Paulo, 2002. Disponível em: http://entline.free.fr/ebooks_br/00885%20%20Perfil%20do%20Analfabetismo%20e%20do%20Iletrismo%20no%20Mundo,%20na%20Am%20E9rica%20Latina%20e%20Caribe,%20no%20Brasil,%20no%20Estado%20de%20S%20E3o%20Paulo%20e%20no%20Munic%20de%20S%20E3o%20Paulo.pdf. Acesso em 19 abril 2014.

CRIVELARO, R.; TAKAMORI, J. Y. **Dinâmica das relações interpessoais**. Campinas, SP: editora Alinea, 2006.

CUNHA, I. O. **Principais causas determinantes do aumento da violência e da criminalidade de menores e o papel do PM**. Paraná, 2003. Disponível em: <http://www.policiamilitar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=597>. Acesso em 10 abril 2014.

PAINI, L. D.; et al. **Retrato do analfabetismo**: algumas considerações sobre a Educação no Brasil. Maringá, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/202/150>. Acesso em 21 abril 2014.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-103-9

